

APRESENTAÇÃO

Este número temático de *Cadernos de Tradução* tem uma especificidade que o diferencia dos demais volumes especiais do periódico, por apresentar um recorte da pesquisa em ensino de tradução no cenário nacional. Neste sentido, as contribuições aqui publicadas representam o pensamento de pesquisadores brasileiros, no que tange a formação de tradutores e pesquisadores em estudos da tradução.

O volume – Formação de tradutores e pesquisadores em estudos de tradução no Brasil – surgiu a partir de uma iniciativa do Grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – reunido em Gramado, em 2002, por ocasião do XVII Encontro da ANPOLL, cujo tema era “*A pós-graduação em Letras e Linguística no Brasil: memória e projeções*”. Os debates durante aquele encontro convergiram para uma avaliação da década de 1990 como período de expansão do campo disciplinar dos estudos da tradução, tanto no âmbito internacional como no Brasil, com conseqüente interesse pelo estudo das competências tradutórias requeridas num mundo de novas tecnologias e crescente transculturalidade em todos os níveis. Essa avaliação, aliada à percepção da tradução como atividade inserida em contextos históricos e culturais específicos, ao desejo de consolidação da área de educação de tradutores e à preocupação com a formação profissional em nível universitário, tornavam o momento propício para uma revisão dos conceitos da pedagogia tradicional. A elaboração de currículos/ementas que atendessem à necessidade de promover o processo autônomo de tomada de decisão por parte do tradutor começava a suscitar reflexões sobre questões multifacetárias no ensino de tradução e na formação de tradu-

tores e pesquisadores. Nesse cenário, e a partir de iniciativas incipientes de mapeamento do campo disciplinar (cf. Pagano et al., 2001), emergiram, simultaneamente, indagações sobre a identidade dos estudos da tradução e sobre formas de construir conhecimento e representar a pesquisa nesse campo.

Em resposta a esta situação, em 2003, as organizadoras deste volume, então coordenadora e vice-coordenadora do GT de Tradução da ANPOLL, propuseram à comunidade científica uma discussão ampla sobre tais questões, através de uma chamada de trabalhos a serem publicados em um volume temático do periódico *Cadernos de Tradução*. A chamada, divulgada em instituições nacionais e internacionais, foi elaborada com base nos seguintes tópicos:

- A contribuição da teoria para a formação de tradutores
- Direcionalidade na sala de aula de tradução
- Desenvolvimento de estratégias tradutórias
- Novas tecnologias na formação de tradutores
- Abordagens textuais e discursivas na formação de tradutores
- Programas universitários de formação de tradutores no Brasil
- Componentes da competência tradutória
- Corpora de aprendizes e o desenvolvimento da competência tradutória
- O potencial dos corpora como ferramentas de auxílio à tradução
- O papel da lexicografia na elaboração de currículos
- A avaliação na formação de tradutores
- A dimensão cultural no ensino de tradução

É curioso observar que, tendo emergido do cenário descrito acima e em consonância com as preocupações dos pesquisadores da área, esta lista não foi contemplada na sua íntegra pelos artigos submetidos. Hoje, o conjunto de trabalhos incluídos neste volume temático nos permite cotejar aqueles tópicos inicialmente sugeridos com os temas dos artigos selecionados para publicação neste

número, seleção esta que revela focos de interesse de pesquisadores brasileiros.

As contribuições aqui apresentadas abordam alguns dos tópicos elencados na chamada: o aporte da teoria para a formação de tradutores; os programas universitários de formação de tradutores no Brasil; componentes da competência tradutória; e a lexicografia em sua inter-relação com a tradução. Uma área de preocupação adicional foi aqui abordada, qual seja, a tradução em programas de pós-graduação no Brasil e seus desdobramentos em termos do *modus operandi* desta disciplina emergente, com concentração nas formas de indexação da pesquisa na área. As organizadoras atribuem este novo foco de interesse ao momento histórico dos estudos da tradução no contexto brasileiro, pautado pela criação do primeiro e único programa de pós-graduação em estudos da tradução no Brasil, o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET – da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2003. Este momento histórico mereceu, então, atenção especial no volume ora organizado, na forma de um texto de abertura, que apresenta a PGET à comunidade científica brasileira da área. Nele, as autoras, Andréia Guerini e Marie-Helene Torres expõem as motivações que levaram à criação do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, pioneiro no Brasil, e explicam sua configuração curricular.

A partir deste texto de abertura, os demais trabalhos foram organizados numa seqüência que contempla seus quatro eixos principais: desenho curricular na formação de tradutores, competência tradutória, reflexões sobre a sala de aula e instrumentação do pesquisador em estudos da tradução.

No primeiro eixo, o trabalho de Márcia Martins, intitulado “Novos desafios na formação de tradutores”, aponta o desafio de se formar tradutores para suprir as demandas do mercado atual, altamente diversificado e dinâmico, no qual ganham destaque novas tecnologias e novas modalidades de textos. Em sintonia com essa preocupação, José Luiz Vila Real Gonçalves e Ingrid Trioni Nunes Machado, em “Um panorama do ensino de tradução e a

busca da competência do tradutor”, realizam um mapeamento de programas e currículos de cursos de formação de tradutores em diversos países, visando verificar qual visão de competência tradutória informa esses currículos. Os autores mencionam uma controvérsia sempre presente nas diretrizes que norteiam os cursos de formação de tradutores – em que medida se deve privilegiar o treinamento ou conhecimento procedimental (saber como) ou a reflexão teórica, vinculada ao desenvolvimento de conhecimentos declarativos (saber o que) – mas avançam em suas reflexões ao identificar diferentes configurações de conhecimentos e habilidades que os currículos revelam. É significativo observar que as categorias mais frequentes no levantamento realizado por Gonçalves e Machado são: tecnologias aplicadas à tradução, conhecimento das culturas das línguas de trabalho e conhecimento relacionado à prática profissional. Observa-se, ainda, que categorias como competência lingüística na língua materna, aspectos meta-cognitivos e cognitivos são pouco representados nos planejamentos curriculares, embora sua presença seja um indício de mudanças importantes no cenário.

Precisamente no escopo dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no sentido de fomentar a meta-reflexão por parte do tradutor-em-formação, a pesquisa de Alves e Magalhães, intitulada “Investigando o papel do monitoramento cognitivo-discursivo e da meta-reflexão na formação de tradutores”, examina o desempenho de alunos em disciplinas de tradução da grade curricular da graduação na Faculdade de Letras da UFMG, organizadas com base numa proposta de desenvolvimento de meta-reflexão e leitura crítica, a partir de tarefas que enfocam aspectos do próprio processo tradutório do aprendiz e aspectos do texto traduzido sob uma perspectiva discursiva, que contempla configurações de gênero discursivo e padrões coesivos. As conclusões da pesquisa evidenciam desenvolvimento gradual por parte dos aprendizes, os quais se tornam mais conscientes do seu processo cognitivo e passam a utilizar o conhecimento declarativo sobre a linguagem adquirido em sala de aula como base para sua análise e produção textual.

Os três artigos seguintes podem ser agrupados sob a perspectiva geral de reflexões sobre a sala de aula de tradução: Érika Nogueira de Andrade Stupiello discute “O ideal e o real no ensino universitário de tradução”; Maria Paula Frota apresenta suas reflexões sobre o erro na tradução e João Azenha discute o lugar da tradução na formação em Letras.

Stupiello fundamenta sua discussão em sua experiência como professora das disciplinas de Teoria da Tradução e Prática de Tradução na União das Faculdades dos Grandes Lagos – Unilago, em São José do Rio Preto, SP, buscando refletir sobre como as idealizações sustentadas pelos alunos ingressantes em um curso universitário de Bacharelado em Letras com Habilitação em Tradutor e Intérprete sobre a profissão e o papel do tradutor podem ser desmistificadas através de um trabalho desenvolvido em sala de aula sobre a tradução numa perspectiva informada por teorias vinculadas à pós-modernidade. Fazendo um percurso de leituras que inclui Rónai (1981), Mounin (apud Arrojo, 1992), Arrojo (1986, 1992, 1993), Frota (2000), Rodrigues (2000) e Venuti (1995), a autora propõe a inscrição inevitável do(a) tradutor(a) no texto que traduz – com todas as suas manifestações conscientes ou inconscientes – ao mesmo tempo em que nega a possibilidade de uma atuação neutra ou de transferência passiva de significados intactos e desconstrói a figura do professor essencialista que controla totalmente os significados da tradução. Com base nestas reflexões, Stupiello oferece uma nova possibilidade de ensino de tradução que se distancia do modelo tradicional, em que os aprendizes esperam receber sempre respostas prontas e contar com o professor para o que imaginam ser o acesso à “verdadeira intenção” do autor original.

O artigo de Maria Paula Frota — “Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino” — propõe examinar a questão do erro na tradução, explorando os diferentes tipos e motivações de erros que podem ocorrer durante um processo tradutório. A autora se apóia na obra freudiana intitulada *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) para afirmar que as motivações são, basicamente, de

duas naturezas, a ignorância — entendida como o desconhecimento acerca de alguma estrutura lingüística, algum aspecto cultural ou alguma informação relativa ao contexto da tradução — e um certo fenômeno ou funcionamento psíquico inconsciente — o lapso de língua — que consiste em uma manifestação do inconsciente e pode ocorrer em qualquer operação que envolva a linguagem verbal. Concentrando-se na segunda modalidade, a autora expande o conceito de não-binariêdade proposto por Pym (1993) e constrói sua argumentação de ruptura com a dicotomia certo/errado no tratamento do erro na tradução. Ao lidar com este fenômeno como sendo motivado por uma intervenção do inconsciente, Frota passa a considerá-lo sob uma nova perspectiva, qual seja, como resultado de um acontecimento psíquico: o esquecimento momentâneo de uma forma correta e a emergência, em lugar desta, de uma palavra incorreta gerada por uma ilusão da memória. A grande contribuição de Frota está, exatamente, em trazer a discussão do erro para aquela zona não binária, destacando o papel do inconsciente nas escolhas feitas pelo(a) tradutor(a).

Ao discutir o lugar da tradução na formação em Letras, João Azenha Junior concentra-se na relação entre a tradução e o ensino de línguas estrangeiras, que, embora historicamente fundamentada, foi destronada pela adoção dos chamados métodos comunicativos no ensino de línguas modernas. Neste contexto, Azenha propõe redefinir tal relação, reconstituindo um perfil da variedade de aspectos que constituem o processo de tradução, com vistas a restituir à tradução o lugar que lhe é devido na estrutura curricular dos cursos de Letras. Azenha ilustra sua discussão por meio de exemplos extraídos do trabalho com estudantes do Curso de Especialização em Tradução (língua alemã) da Universidade de São Paulo, para demonstrar como a tradução se articula com áreas e disciplinas da grade curricular de Letras e representa um ponto privilegiado em que teoria e prática, nas suas mais diversas configurações, interagem, estimulam a pesquisa autônoma, contribuindo, assim, para a formação de uma reflexão crítica.

Finalmente, dois artigos focalizam diferentes formas de instrumentação do pesquisador em estudos da tradução: Maria da Graça Krieger argumenta pela inclusão de disciplinas de Terminologia teórica e aplicada no elenco do currículo de cursos de tradução; Adriana Pagano e Maria Lúcia Vasconcellos propõem uma reflexão sobre a representação da pesquisa nos estudos da tradução por meio de palavras-chave estabelecidas e reconhecidas pela comunidade acadêmica.

“Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas”, por Maria da Graça Krieger, toma como ponto de partida a convicção da autora sobre a necessidade de se oferecer ao tradutor-em-formação subsídios teóricos e práticos que facilitem o manejo das terminologias. Krieger explora o potencial da interface entre estudos da tradução e a terminologia teórica e prática, esclarecendo que esta disciplina não pretende estabelecer metodologias para o processo tradutório, mas limita-se a oferecer subsídios teóricos e aplicados para diminuir dificuldades inerentes à tradução de textos especializados, *habitat* natural das terminologias. Neste contexto, discute, inicialmente, alguns princípios e diretrizes de reconhecimento e de análise dos termos técnico-científicos, relativos à natureza, às propriedades prototípicas e ao funcionamento dos termos. Num segundo momento, Krieger se detém nos benefícios advindos da aproximação dos estudos da tradução da terminologia teórica, campo de conhecimento atualmente sustentado por fundamentos lingüísticos e textuais, que pode oferecer ao tradutor subsídios teóricos e metodológicos para facilitar o tratamento dos termos técnicos, bem como sua gestão informatizada. Segundo a autora, uma reflexão fundamentada sobre terminologia pode ser “capaz de orientar as difíceis escolhas sobre equivalências terminológicas e fraseológicas, junto a tantos outros componentes que o processo tradutório de textos especializados requer”.

O artigo de Adriana Pagano e Maria Lúcia Vasconcellos – intitulado “Formando futuros pesquisadores: palavras-chave e afiliações teóricas no campo disciplinar estudos da tradução” –

insere-se no âmbito do debate sobre questões de identidade disciplinar, tópico que tem merecido a atenção de pesquisadores em estudos da tradução, tanto no cenário internacional quanto no nacional. As reflexões das autoras são tecidas a partir de uma dimensão pedagógica específica, qual seja, o ensino em nível de pós-graduação. Pagano e Vasconcellos partem do debate sobre a identidade disciplinar – que teve seu início com a proposta de mapeamento de Holmes (1972/1988), divulgada através da publicação do texto considerado fundacional da disciplina, “The name and nature of Translation Studies” – para ancorar sua discussão da questão da representação da pesquisa na área, em termos da indexação de artigos de periódicos, livros, artigos de coletâneas, resenhas, obras de referência, teses e dissertações e trabalhos inéditos. Este trabalho é parte dos esforços empreendido por uma equipe interinstitucional de pesquisadores de cinco universidades brasileiras (UFMG, UFSC, UFRJ, PUC-Rio e PUC-SP), agregados no Grupo de Pesquisa denominado Mapeamentos nos Estudos da Tradução (CNPq - Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil). Conforme esclarecem, Pagano e Vasconcellos, dentre as metas específicas do Grupo de Pesquisa, que incluem a disseminação dos resultados do referido mapeamento, situa-se a publicação de um glossário de descritores da pesquisa realizada no Brasil, através da sistematização e organização hierárquica, por afiliações teóricas e metodológicas, das palavras-chave que representam a pesquisa brasileira. É neste contexto que se instala o artigo aqui apresentado, cuja proposta é contribuir para a consolidação da pesquisa em estudos da tradução no âmbito da educação superior. As autoras preocupam-se com a conscientização de pesquisadores-em-formação quanto à representação de sua pesquisa em uma linguagem comum, consistente e unívoca, por meio de palavras-chave que traduzam as afiliações teórico-metodológicas da área. Buscam, em última instância, propiciar e facilitar a recuperação do conhecimento produzido nos estudos da tradução, no contexto brasileiro.

Uma bibliografia selecionada de títulos de obras recentes que abordam, direta ou indiretamente, o ensino de tradução e a formação de tradutores e pesquisadores encerra este número, como sugestão de leitura para aqueles interessados no tema.

Esperamos que *Formação de tradutores e pesquisadores em tradução no Brasil* venha contribuir para o avanço das reflexões sobre o ensino de tradução no nosso meio acadêmico, não apenas no que diz respeito aos aspectos explorados nas diversas contribuições, mas também suscitando o interesse de pesquisadores por àqueles tópicos sugeridos na chamada, não abordados neste volume.

As organizadoras agradecem os trabalhos recebidos para este número e a colaboração dos autores na revisão dos mesmos. Agradecem, ainda, aos pós-graduandos Silvana Maria de Jesus e Igor Antônio Lourenço da Silva por seu trabalho de leitura, revisão e formatação.

Adriana Pagano
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Lúcia Vasconcellos
Universidade Federal de Santa Catarina